

K2R0020+

# Uma vida pelos confins do

MARIO DE MORAES  
fotos JOSÉ PINTO

**"Eles já foram cinco milhões e hoje são pouco mais de 220 mil. Foram dizimados à proporção de um milhão por século, do descobrimento até hoje."**

**Orlando Villas Boas não poupa eloquência ao falar do extermínio de cerca de uma centena de nações indígenas, mancha de sangue na história do Brasil.**

**"Morrer se necessário for, matar nunca": o lema do marechal Cândido Rondon tinha força de lei para os quatro irmãos Villas Boas, sertanistas que escreveram um percurso heróico pelos confins do Brasil Central.**

**"Eram tempos em que a palavra do homem valia mais do que um papel assinado, e corajoso era aquele que, mesmo armado, não atirava nos verdadeiros donos das terras que estavam sendo invadidas", aponta Orlando, do alto de seus 85 anos, mais de 50 dedicados à causa indígena no Brasil, enquanto revira seus cestos de recordações e reflete sobre o presente, sempre munido de um humanismo inabalável**



# Branco

Orlando Villas Boas: "O índio é de paz. De guerra somos nós, os brancos"

“O ano era 1944 e o nosso objetivo era o de estabelecer, rumo a Manaus, pontos ideais de futuros núcleos de povoamento”, conta Orlando, puxando do fundo da memória o início de sua longa experiência como sertanista. Ainda jovens, os irmãos Villas Boas deixaram o conforto de sua casa em São Paulo para participar da primeira expedição desbravadora Roncador-Xingu, organizada pela Fundação Brasil Central. “Nós íamos na vanguarda e o grupo de colonizadores vinha atrás, construindo. Nasceram, assim, cidades de Aragarças ao Rio das Mortes, como Vale do Sonho, Matrinxé, Xavantina e muitas outras”, conta.

Ainda no início da epopéia que duraria 13 anos, os Villas Boas perceberam a necessidade de se fazer contato com os índios que habitavam aquela imensidão de terras –o então desconhecido Brasil Central. Tendo o marechal Rondon como aliado, conquistaram o “de acordo” do ministro

João Alberto Lins de Barros, mentor da Marcha para o Oeste. Era o início, para os Villas Boas, de uma longa história de contato com nações isoladas, que culminaria na criação do Parque Nacional do Xingu, em 1961. “Não fosse Rondon, hoje o índio estaria extinto no Brasil. Ele foi o grande humanista deste século”, defende Orlando, conhecedor de sete línguas indígenas e quatro dialetos.

Aos 85 anos, com a mesma vivacidade do tempo em que enfrentava resolutamente a selva e seus perigos, embora enfermo –“estou com gota, mas quem pensa que a morte está batendo na minha maloca está enganado; eu sou um rio”–, Orlando torna-se loquaz sempre que os índios brasileiros e a sua defesa são o assunto. Em maio de 1995, ele lançou o livro “A Marcha para o Oeste”, ganhador do Prêmio Jabuti. Nele, o autor conta parte de sua vida de sertanista, por mais de 50 anos dedicada à preservação física e

*Abaixo, em sua casa em São Paulo, Orlando mostra peças de sua ampla coleção de artesanato indígena: “Os rios, a mata e os índios são minha eterna companhia”*



cultural dos povos indígenas do nosso país.

Caminhando apoiado numa bengala, quase sempre sorridente, com seus longos cabelos brancos, Orlando Villas Boas circula por sua casa, no bairro paulistano do Alto da Lapa, cercado por inúmeras recordações de suas muitas viagens ao interior do Brasil. Como companhia, a esposa Marina e os filhos Noel, de 23 anos, e Vilinha, de 27, além do inseparável Wuará, seu cão de estimação. Nas andanças pela selva, Orlando contraiu enfermidades que o debilitaram bastante. Só de malárias, foram cerca de 250. Por isso, foi obrigado a diminuir as viagens e palestras, para as quais é constantemente convidado. Mas não se sente recluso, apesar de não poder fazer tudo que fazia antes: “Os rios, a mata e os índios são minha eterna companhia.” Adora flores e sempre tem um ramalhete delas enfeitando a casa, que Orlando tem esperança de um dia transformar na Fundação Villas Boas, para que tudo por que ele e os irmãos lutaram não se perca no esquecimento.

### Os primeiros encontros

No início da longa jornada, os irmãos Villas Boas tiveram que enfrentar um arraigado preconceito contra o índio. Para boa parte dos sertanistas da época, os “selvagens” deviam ser tratados a ferro e fogo. “Na década de 40, acreditava-se que tudo que se relacionasse com índio era selvagem e violento. De um modo geral, o branco achava que os índios viviam perambulando pela selva, destruindo e matando todos que atravessassem o seu caminho.” O principal objetivo dos Villas Boas nessa época era, segundo Orlando, abrir os olhos do povo brasileiro, defendendo a tese de que os índios são pacíficos e têm uma sociedade estável e equilibrada: “Uma sociedade em que ninguém tem o fascínio pelo poder, pela riqueza. Ninguém interpreta o pensamento de ninguém. O chefe, na verdade, é um velho e suave conselheiro.”

Quando fala das sociedades indígenas, o sertanista parece manter vivo o entusiasmo das primeiras descobertas: “O arcabouço cultural dos índios é uma coisa fantástica. O índio parou no tempo e no espaço: o arco que eles fazem hoje é o mesmo que seus antepassados faziam há dez mil anos!” Mas, para Villas Boas, a mais “extraordinária lição” dos povos indígenas brasileiros é o que chama de “comportamento da criatura em sociedade”: “Nos meus mais de 40 anos de convivência com as mais diferentes tribos, nunca vi um índio discutir com outro índio.”

Histórias não faltam. Orlando se lembra perfeitamente da primeira vez que contactou uma tribo isolada, em meados da década de 40. Ele estava há seis horas navegando pelo rio Culuene, um dos formadores do Xingu, com seus irmãos e outros homens. De repente, um grupo de índios apareceu numa das margens. Os brancos

encostaram a canoa e foram em direção a eles. Do meio dos outros, saiu um índio alto e muito forte. “Era Izarari, o chefe”, recorda.

“Começamos a falar por sinais. A adrenalina estava no máximo, e até hoje me arrepio quando lembro daquele momento.” Passados alguns minutos, Orlando e Izarari se abraçaram e os outros índios se aproximaram deles.

Depois de trocarem presentes, já na aldeia, eles souberam que uma das mulheres de Izarari, Kesevo, caíra doente. “O clima ficou pesado. Para os índios, o místico e a realidade estão no mesmo plano. A realidade é regida pelo místico e o homem carrega os sinais do bem e do mal. Na interpretação dos índios, a enfermidade de Kesevo e a nossa chegada estavam intimamente ligadas.” Depois de três dias de agonia, a índia doente começou a ter o corpo pintado pelas outras mulheres da aldeia, preparando-a para a morte. “Tivemos, então, a feliz idéia de pedir ao Rio, através de um piloto da FAB, alguns frascos de penicilina, medicamento recém-descoberto.” Como um milagre, o antibiótico chegou a tempo. Orlando e os companheiros correram para a maloca de Kesevo, que parecia agonizante, e lhe aplicaram a penicilina. Algumas horas depois, ela já se sentia melhor: “Salvamos a vida da mulher de Izarari... e a nossa própria vida. A partir daquele dia, ficamos amigos dos calapalo, e o nosso feito ainda hoje é lembrado em suas malocas.”

Não raro Orlando, Leonardo, Álvaro e Cláudio arriscaram suas vidas, ao longo dos anos 40, 50 e 60, tentando estabelecer contato com tribos ainda isoladas, enfrentando doenças e animais ferozes. Um dos episódios mais marcantes foi o encontro com os perigosos xavante. “Antes de chegarmos à região do Xingu, nossa coluna foi cercada por mais de 500 xavante”, conta Orlando, puxando mais um incrível episódio da memória. Desta vez não parecia haver comunicação possível. Quando estavam a ponto de serem massacrados, Orlando, cercado e aturdido pela gritaria infernal dos xavante, mandou que os homens engatilhassem os mosquetões e, se necessário, dessem uma salva de tiros para assustá-los. Cláudio Villas Boas subiu num cupim e verificou que os índios estavam às costas do grupo, disfarçados por enormes folhas de bananeiras: “Eles vão atacar pelas costas! Protejam-se!” Assustados, os homens do grupo se viraram e atiraram para o alto, na direção onde os índios estavam. “Não ferimos o lema do marechal Rondon, pois não atiramos para matar, mas conseguimos fazer os xavante fugirem.”

O contato com o grupo, por essa razão, sofreu um atraso. “Depois de alguns meses, acabamos ficando amigos. Porque o índio, ao contrário do que dizem, é de paz. De guerra somos nós, os brancos.”

“O espaço dos índios tem que ser respeitado, como você quer que sua casa e sua família sejam respeitadas”



## O Estado brasileiro e os índios

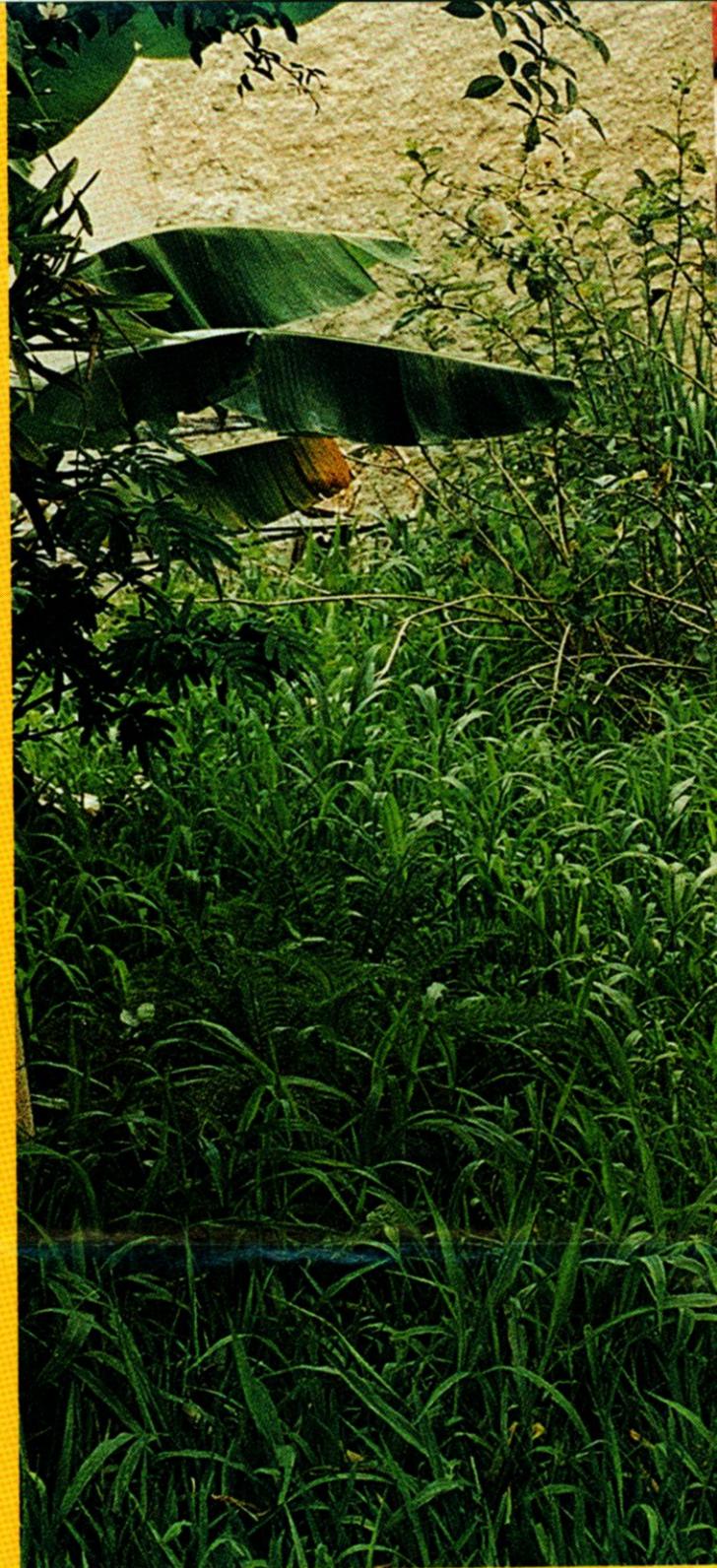
Orlando conhece bem a história da participação do Estado brasileiro na tutela e proteção do índio. Em 1967, ano da extinção do Serviço de Proteção ao Índio (SPI), os Villas Boas participaram da criação da Fundação Nacional do Índio (Funai), com uma legislação considerada inovadora à época. "Infelizmente, ela não vem sendo obedecida integralmente." No governo Geisel, diz Orlando, a situação ficou muito ruim, melhorando um pouco com Figueiredo. No governo Sarney, ele acredita que houve uma derrocada – "o índio foi totalmente abandonado". "O Collor, com dois decretos, acabou por liquidar o nosso trabalho, redistribuindo as verbas mirradas, que eram para os índios, entre outros ministérios. Sabe o que ele argumentou na ocasião? 'Saúde? A Funai não precisa cuidar da saúde dos índios, quem vai cuidar é o Ministério da Saúde.' Um absurdo!"

Ele ressalta que interesses políticos e econômicos continuam influenciando diretamente na questão indigenista – o Congresso sofre pressões do Executivo para anular o Decreto n.º 22/91, que regulamenta a demarcação das terras dos índios. "São pressões que vêm dos governos estaduais, interessados na exploração dessas terras, e o presidente Fernando Henrique Cardoso se encontra sensível a elas porque precisa de votos para suas reformas constitucionais." Com isso, o Brasil pode perder 368 das 557 reservas indígenas existentes no país: "O pior é que eu esperava uma reação dos antropólogos e indigenistas, mas eles se mantêm em completo silêncio. Já enviei fax ao ministro da Justiça e à antropóloga Ruth Cardoso, esposa do presidente, mas não obtive nenhuma resposta. Mesmo assim, tenho que reconhecer que este é o governo que mais tem demarcado terras indígenas."

Num mundo regido por interesses econômicos, como preservar a autonomia e dignidade dos povos indígenas brasileiros? "O marechal Rondon queria aproveitar o índio no processo de desenvolvimento do país, mas conseguimos convencê-lo do contrário, argumentando que o índio só sobreviveria dentro de sua cultura. Não há lugar para o índio na cultura da sociedade brasileira." Para Orlando Villas Boas, a defesa da integração é um erro. Nessa linha, a Constituição de 1988 representaria uma evolução, mas ainda não é o ideal. "Acontece que não é fácil modificar a mentalidade de algumas pessoas. Existe enorme pressão das missões religiosas, um lobby poderoso, e nós somos poucos na luta pelo índio. É fundamental que se elabore uma nova política indigenista." As mudanças no mundo de hoje, acredita, acontecem rápido demais, deixando os índios aturdidos. "Além disso, existe a Aids, a biopirataria, os madeireiros, a poluição das

cabeceiras dos rios, o garimpo criminoso, uma série de males da civilização que vêm atacando os índios. No caso das missões religiosas, nem sempre seu objetivo é a catequese. Toquei para fora do Brasil diversas missões que carregavam contadores gêiser nas mãos, em vez de bíblias ou outro livro sagrado. Elas, na verdade, estavam fazendo prospecção nas terras indígenas e não catequese."

Em 1973, o então presidente do Supremo Tribunal Federal, ministro Themístocles Cavalcante, ao elaborar o Estatuto do Índio, deu um prazo de cinco anos para que o Estado fizesse a demarcação total das terras indígenas brasileiras. "Já se passaram 26 anos e nem um terço das terras foi demarcado. Se o governo não exercer sua tutela sobre o índio, se continuar o atual descaso, a sociedade vai destruir a família do índio, vai prostituí-la, assim





Orlando brinca com seu cão Wuará:  
"Existem enormes pressões e interesses  
econômicos, e nós somos poucos na luta  
pelo índio"

como prostituíram os carajá, os bororo, assim como dizimaram uma aldeia inteira de juruna. Os moradores receberam seringueiros com uma grande festa e acabaram morrendo comendo farinha com arsênico." Por todas essas razões, Orlando Villas Boas ainda se orgulha de sua maior e mais conhecida obra, o Parque Nacional do Xingu, no Norte do estado do Mato Grosso, reserva onde vivem hoje cerca de 6 mil pessoas, distribuídas entre 30 aldeias de 17 diferentes nações indígenas: "O Parque vai muito bem, já que a dita civilização não entra nele, não rouba suas riquezas, não maltrata nem mata o índio. Quem entrar lá, sem ser convidado, leva porrada, já que o espaço dos índios tem que ser respeitado, como você quer que sua casa e sua família sejam respeitadas."

O último dos quatro grandes indigenistas do Brasil vive hoje de uma magra aposentadoria e

passa parte do dia escrevendo e revendo notas de possíveis e futuros livros. Entre eles, uma obra com fotos de crianças indígenas. Embora não pense numa biografia, Orlando Villas Boas não esconde que gostaria de contar algumas histórias sobre a expedição Roncador-Xingu: sua amizade com o médico Noel Nutels (1913–1973) e com o antropólogo Darcy Ribeiro (1922–1997); lembrar um homem que considera fabuloso, o marechal Rondon; recordar os amigos sertanejos e revelar quem é, verdadeiramente, o índio, primeiro cidadão brasileiro. Por tantas conquistas em benefício dos povos indígenas brasileiros, Orlando Villas Boas chegou a ser apontado para receber o Prêmio Nobel da Paz. No mesmo ano, madre Teresa de Calcutá também era candidata. "Quando eu soube, desisti de concorrer. Ela merecia muito mais do que eu." **P**